

Highlights do dia COVID-19

O **BRASIL CHEGA AO 30º DIA DE CRISE** com cidades e ruas vazias, quase a totalidade das capitais em regime de home office para as atividades administrativas e um nível alarmante de incerteza. Não apenas pela perspectiva dos efeitos devastadores da COVID-19 em seu pico de contágio, mas também pelos rumos do País com líderes políticos em franco embate. Conflitos entre estados e União confundem o cenário e não permitem ao cidadão vislumbrar o rumo diante de uma pandemia que vitimou mais de 20 mil pessoas no mundo. Como se constata nas redes sociais, o brasileiro tem dedicado mais tempo a falar de política do que das medidas efetivas para conter o coronavírus. No resumo desta quinta-feira, 26, trazemos também experiências de empresas que buscam seu caminho para aprender e fazer frente à crise.

Política



Bolsonaro no G20. Em videoconferência do G20, grupo das maiores economias do mundo, o presidente pediu que medidas de saúde venham acompanhadas de projetos para estimular a economia. [Ele também defendeu a cloroquina](#) como arma nesse combate. Na reunião, o G20 se comprometeu a injetar [US\\$ 5 trilhões na economia](#) para minimizar os efeitos da pandemia.

Pacote econômico. Matéria do **G1** conta que a equipe do ministro Paulo Guedes finaliza os detalhes de um pacote para ajudar na manutenção de empregos no País durante a crise. O valor será de pelo menos [R\\$ 36 bilhões ao longo dos próximos três meses](#). Não há, contudo, avisos oficiais do governo sobre essa medida.

Fé. Para não desapontar aliados de grupos religiosos, o presidente Jair Bolsonaro definiu por meio de decreto que [missas e cultos são serviços essenciais](#) e, por isso, devem continuar abertos. Em São Paulo, o governador João Dória voltou a pedir para que líderes religiosos respeitem a quarentena, adotando [meios virtuais para se comunicarem com os fiéis](#).

Cloroquina sem imposto. Em comunicado nas redes sociais, Bolsonaro anunciou o corte do imposto de importação da cloroquina e da azitromicina, [medicamentos ainda em fase de teste](#) no combate ao vírus, para uso exclusivo de hospitais em pacientes em estado crítico.

Embate com estados. O Ministério da Saúde proibiu a exportação de ventiladores pulmonares pelos Estados e [centralizou toda a produção e distribuição dos equipamentos](#). A decisão provocou atrito com os Estados.

Bom proveito. O procurador-geral da República, Augusto Aras, enviou ofício ao STF para que os [R\\$ 51 milhões apreendidos](#) no bunker do ex-ministro Geddel Vieira Lima em 2017 sejam destinados ao combate ao coronavírus.

Em São Paulo. Depois de cobrar medidas econômicas do governo federal pela manhã, João Dória realizou encontro com dirigentes de bancos públicos e privados para estudarem medidas que ampliem os [créditos a pequenos e microempresários](#).

Distanciamento. A postura de Bolsonaro em relação à pandemia tem aumentado sua [distância dos setores empresariais](#) que anteriormente eram aliados.

Limites. Matéria da **Folha** com especialistas em direito constitucional aponta que o regime federalista do Brasil [restringe os planos de Bolsonaro](#) em fazer valer sua vontade na redução dos prazos de quarentena para abertura de comércio e escolas.

Política sequestra o debate nas redes

Os grandes saltos da crise coincidem com os picos de interesse pelo tema nas mídias sociais. Mas o protagonista nas redes é mesmo o presidente Jair Bolsonaro. Os marcos mais frequentes são reações ou ataques do presidente, liderando tanto postagens como engajamento.

A tendência do brasileiro é de grande atividade nos picos, mas sem sustentação dos assuntos - como se observa na queda de atividade na segunda semana após a primeira confirmação de contágio, em 26 de fevereiro. O aumento no patamar de conteúdo se deu a partir da segunda semana, quando a OMS decretou oficialmente a pandemia.

Destacam-se, nas quatro semanas de coronavírus no Brasil, a primeira cura de um paciente no país, em 13/03, o início da transmissão comunitária, no dia 20, e a polêmica sobre a suspensão do contrato de trabalho por quatro meses, no dia 22. Para outros gráficos e informações, acesse <https://gruposinpress.com.br/covid19/>



COVID 19 em 30 dias

O Brasil chegou ao 30º dia da crise do coronavírus com **números preocupantes**, principalmente, quando comparados aos de outros países. Enquanto aqui temos **2.915 casos confirmados e 78 mortes**, no primeiro mês da crise na [Itália foram 1.694 casos e 29 mortes](#). A China, onde o surto teve início, foram 9.802 casos e 213 mortes, enquanto nos Estados Unidos, que teve uma explosão de casos recentes, registrou apenas 15 confirmações e nenhuma morte.

Em coletiva nesta quinta-feira, sem o ministro Luiz Henrique Mandetta, técnicos do Ministério da Saúde apresentaram uma nova plataforma para se acompanhar o avanço da COVID-19 no Brasil. Pelo [site](#) é possível acompanhar números em gráficos, tanto do crescimento da doença como das regiões mais atingidas. Os Estados também poderão atualizar o site com informações locais.



O que aconteceu na Saúde? O Highlights de hoje traz uma entrevista com João Paulo Nogueira Ribeiro, médico e fundador do **Instituto Horas da Vida**, voltado ao atendimento de pessoas em situação de vulnerabilidade social. Uma reflexão sobre o que aconteceu na área da Saúde no Brasil após 30 dias do anúncio do primeiro caso diagnosticado.

O que mudou na Saúde após o novo coronavírus? Todos os olhares se voltaram para a pandemia do coronavírus. Tínhamos outras questões em pauta até então, como a PEC do SUS, a necessidade de atenção à saúde primária e uma restrição à telemedicina. E tudo isso mudou rapidamente. A Saúde conseguiu verbas extras para combater a pandemia, a regulamentação da telemedicina e da teleorientação saiu do papel, e houve uma mobilização da sociedade em participar proativamente do isolamento social - se é certo ou errado, ainda é cedo para saber. O ponto crítico atualmente é manter a capacidade do serviço de saúde no Brasil, tanto público quanto privado, que devem estar voltados para atender pacientes que chegam em estado grave, seja pelo contágio por coronavírus ou por outras doenças.

Como o senhor avalia a reação da medicina e da ciência no Brasil? Do ponto de vista técnico, o perfil genético do vírus foi mapeado muito rapidamente, assim como a identificação de drogas com potencial de combater a doença, além do início rápido de pesquisas. Do ponto de vista acadêmico, a saúde está se posicionando de forma célere e satisfatória. Já no âmbito social, ainda temos questões que podem avançar em termos de colaboração entre a iniciativa privada e a pública. Falta, ainda, um sistema mais centralizado para conectar quem deseja doar a quem precisa receber - neste momento temos muitas ações isoladas ocorrendo e precisamos conectar esses pontos.

Qual sua opinião sobre a disponibilidade de atendimento e leitos para a população? O atendimento até o momento está satisfatório. Ainda não se vê uma saturação dos sistemas. Um ponto positivo do Brasil é a existência do SUS, um

sistema descentralizado e espaçado pelo país inteiro, o que ajuda, e muito, nesse momento, mesmo com os muitos pontos de melhoria que sabemos que existem. Há, em paralelo, outras formas de atendimento surgindo, algumas, inclusive, com médicos e enfermeiros que realizam triagens virtuais e podem sinalizar a real necessidade de deslocamento até a unidade de saúde. Essa, sem dúvida, ao lado da estrutura que vem sendo construída e ampliada, será um dos grandes legados para a área da saúde no Brasil.

O Brasil está preparado para superar essa crise sanitária? Acredito que sim, mas é difícil saber a resposta exata neste momento. O cenário precisa ser observado a cada dia. Volto ao ponto do SUS e como ele está desenhado e implementado no país. Temos visto todos os esforços da iniciativa pública e privada. A grande questão, agora, é como vamos achar essa curvatura de crescimento da proliferação do vírus para que os casos graves e as mortes não avancem a cada dia.

Qual o saldo dos primeiros 30 dias de gestão da crise? De forma geral, o Ministério da Saúde e os governos estaduais foram muito ágeis. Houve solidariedade e mobilização tanto da Academia quanto dos setores privados para apoio o serviço de saúde pública neste momento. O Conselho Federal de Medicina, por exemplo, liberou a telemedicina como ferramenta, tão importante e útil nessa fase de isolamento. A campanha de vacinação contra a gripe foi antecipada. Ou seja, conseguimos ótimos resultados, em poucos dias, em um grande esforço de colaboração.

2915 casos confirmados e 78 mortes pela doença

O que aconteceu na Saúde? O Highlights de hoje traz uma entrevista com João Paulo Nogueira Ribeiro, médico e fundador do **Instituto Horas da Vida**, voltado ao atendimento de pessoas em situação de vulnerabilidade social. Uma reflexão sobre o que aconteceu na área da Saúde no Brasil após 30 dias do anúncio do primeiro caso diagnosticado.

O que mudou na Saúde após o novo coronavírus? Todos os olhares se voltaram para a pandemia do coronavírus. Tínhamos outras questões em pauta até então, como a PEC do SUS, a necessidade de atenção à saúde primária e uma restrição à telemedicina. E tudo isso mudou rapidamente. A Saúde conseguiu verbas extras para combater a pandemia, a regulamentação da telemedicina e da teleorientação saiu do papel, e houve uma mobilização da sociedade em participar proativamente do isolamento social - se é certo ou errado, ainda é cedo para saber. O ponto crítico atualmente é manter a capacidade do serviço de saúde no Brasil, tanto público quanto privado, que devem estar voltados para atender pacientes que chegam em estado grave, seja pelo contágio por coronavírus ou por outras doenças.

Como o senhor avalia a reação da medicina e da ciência no Brasil? Do ponto de vista técnico, o perfil genético do vírus foi mapeado muito rapidamente, assim como a identificação de drogas com potencial de combater a doença, além do início rápido de pesquisas. Do ponto de vista acadêmico, a saúde está se posicionando de forma célere e satisfatória. Já no âmbito social, ainda temos questões que podem avançar em termos de colaboração entre a iniciativa privada e a pública. Falta, ainda, um sistema mais centralizado para conectar quem deseja doar a quem precisa receber - neste momento temos muitas ações isoladas ocorrendo e precisamos conectar esses pontos.

Qual sua opinião sobre a disponibilidade de atendimento e leitos para a população? O atendimento até o momento está satisfatório. Ainda não se vê uma saturação dos sistemas. Um ponto positivo do Brasil é a existência do SUS, um

sistema descentralizado e espaçado pelo país inteiro, o que ajuda, e muito, nesse momento, mesmo com os muitos pontos de melhoria que sabemos que existem. Há, em paralelo, outras formas de atendimento surgindo, algumas, inclusive, com médicos e enfermeiros que realizam triagens virtuais e podem sinalizar a real necessidade de deslocamento até a unidade de saúde. Essa, sem dúvida, ao lado da estrutura que vem sendo construída e ampliada, será um dos grandes legados para a área da saúde no Brasil.

O Brasil está preparado para superar essa crise sanitária? Acredito que sim, mas é difícil saber a resposta exata neste momento. O cenário precisa ser observado a cada dia. Volto ao ponto do SUS e como ele está desenhado e implementado no país. Temos visto todos os esforços da iniciativa pública e privada. A grande questão, agora, é como vamos achar essa curvatura de crescimento da proliferação do vírus para que os casos graves e as mortes não avancem a cada dia.

Qual o saldo dos primeiros 30 dias de gestão da crise? De forma geral, o Ministério da Saúde e os governos estaduais foram muito ágeis. Houve solidariedade e mobilização tanto da Academia quanto dos setores privados para apoio o serviço de saúde pública neste momento. O Conselho Federal de Medicina, por exemplo, liberou a telemedicina como ferramenta, tão importante e útil nessa fase de isolamento. A campanha de vacinação contra a gripe foi antecipada. Ou seja, conseguimos ótimos resultados, em poucos dias, em um grande esforço de colaboração.

30 dias de aprendizado

Muitos são os aprendizados dos últimos 30 dias. Clientes da InPress Porter Novelli também concordam! Vimos as escolas pararem, os comércios fecharem, a tecnologia empurrada ao trabalho remoto, empresas aprimorando suas práticas de gestão de pessoas e usando a tecnologia para manter ativas suas relações com clientes, parceiros e fornecedores. Abaixo, alguns depoimentos que, certamente, traduzem as impressões e as sensações de muitas outras companhias:

"Adotando a prática do distanciamento social em todos os escritórios e fazendo um rodízio de modo a manter o mínimo da equipe de operação nas usinas, a AES Tietê priorizou seu valor número 1, Segurança e Saúde, e comprovou como está bem provida de ferramentas tecnológicas. O trabalho home-office tem sido uma experiência bem sucedida e não comprometeu as atividades vitais. O apoio da alta liderança tem sido fundamental, dando segurança aos colaboradores, reafirmando o quanto estamos conectados e sensibilizando para as melhores práticas em prol da saúde física e emocional de cada um. Uma certeza: venceremos este desafio e sairemos melhores tanto como pessoas quanto como organização. Maior lição? O valor do time. Continuamos juntos mesmo estando separados". **José Antônio Martins, Gerente de Relações Institucionais, Comunicação e Sustentabilidade, AES Tietê**

"Não dá para saber o quanto essa crise vai durar tampouco a extensão de seus impactos, mas para cuidar do negócio, precisamos, antes de tudo, cuidar das pessoas. Por isso, escutar de forma genuína; trabalhar com dados e fontes confiáveis; ser ágil, atuando em rede e comunicando em múltiplas plataformas, têm sido ingredientes essenciais para lidarmos com esse contexto". **Rozália Del Cádio, Diretora de Comunicação, Arcos Dorados**

"O cenário trouxe para o DJIA a volta do sentimento de orgulho e pertencimento. Focamos em pessoas e nos preocupamos com elas. E isso gera otimismo para seguirmos adiante, mesmo em meio a incertezas. Colocar as pessoas em primeiro plano sempre traz resultados positivos!" **Janaina Weigel, Head de Relações Públicas, DIA Brasil**

"Como associação dos promotores de eventos do setor de entretenimento e afins do Rio de Janeiro, buscamos nos alinhar às medidas urgentes das autoridades e tratamos o assunto de forma articulada e segura. Criamos um comitê de crise e adotamos mudanças como reuniões virtuais, gestão integrada, colaborativa e eficaz, que tem propiciado uma comunicação dinâmica e um resultado muito positivo". **Pedro Guimarães, sócio-presidente, Apresenta®.**

Isolamento Vertical



Afinal, o que é isso? Após pronunciamento do presidente Bolsonaro, que [defendeu o isolamento vertical](#), o assunto ganhou força. Outros países, como os Estados Unidos, também são a favor da tese como formato de mitigação.

David Katz, diretor do Centro de Pesquisa em Prevenção Yale-Griffin, explica. Ele [compara o isolamento vertical à uma estratégia de guerra](#). Os grupos de risco conhecidos são isolados e os recursos de saúde concentrados neleis. As demais pessoas, que teriam infecções leves e autolimitadas, desenvolveriam a chamada "imunidade de rebanho", o que levaria ao fim da epidemia.

A hipótese se sustenta em números obtidos na Coreia do Sul, onde o vírus foi rapidamente contido graças a uma estratégia de testagem massiva e rastreamento de pessoas potencialmente infectadas. Na teoria faz muito sentido, mas, quando posta em prática no Brasil, envolve muitos [pontos frágeis](#), tais como a falta de testes para aplicação massiva e os grupos de risco (tais como idosos, diabéticos, pessoas com problemas cardíacos e doenças crônicas) somarem mais da metade da população.

E o ensino à distância viralizou



Além do efeito devastador na saúde e no cotidiano das pessoas, o coronavírus provocou uma situação inédita na educação. [Metade dos estudantes](#) do mundo - mais de **850 milhões de crianças e adolescentes** - estão sem ir para a escola, segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

No Brasil, todos os estados suspenderam as aulas. Para cumprir o calendário letivo, em alguns locais está sendo adotado o ensino à distância. Muitas escolas particulares já começaram o ensino online. Porém, uma barreira a ser transposta, principalmente pelo ensino público, é a [falta de internet](#) em muitas casas do País.

No **Rio de Janeiro**, a Secretaria de Educação anunciou [parceria](#) com o Google Classroom para disponibilizar aulas online para os alunos terem acesso a wi-fi, permitindo, assim, o acesso a conteúdos educativos via internet. No Distrito Federal, a secretaria de Educação corre contra o tempo para que as [aulas online](#) possam começar no dia 5 de abril.

No **Rio Grande do Norte**, estudantes também estão tendo acesso a ferramentas do Google, também, a uma parceria.

Em **São Paulo**, a Secretaria de Educação [negocia](#) com operadoras a possibilidade de gratuidade ou patrocínio para os alunos terem acesso a wi-fi, permitindo, assim, o acesso a conteúdos educativos via internet. No Distrito Federal, a secretaria de Educação corre contra o tempo para que as [aulas online](#) possam começar no dia 5 de abril.

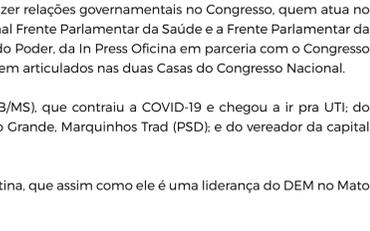
As secretarias de Educação do **Pará** e do **Amazonas** tiveram uma ideia diferente. Fecharam parcerias com emissoras de TV, por onde as aulas são transmitidas. No Amazonas, cerca de 180 mil alunos já estudam por meio de um canal aberto de TV. Já no Piauí, aulas pela YouTube estão sendo oferecidas para os estudantes do ensino médio.

Vagas? Sim, também há!

Há uma semana, em meio às recomendações para fechamento de shopping centers e comércios ao redor do País, e após dias de isolamento voluntário da população como tentativa de conter a escalada dos casos de coronavírus no Brasil, varejistas e comerciantes refaziam as contas, renegociavam pagamentos a fornecedores e [afirmavam que, inevitavelmente, começariam a demitir funcionários a partir desta semana](#).

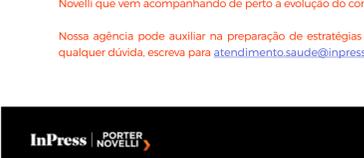
Para algumas empresas, no entanto, as previsões negativas para a economia brasileira preocupam, sim, mas ainda há espaço para gerar empregos, o que anima quem está em busca de uma oportunidade.

Mars, Penske Logistics e DIA Brasil são [exemplos de companhias que possuem vagas disponíveis](#) e estão [adaptando seus processos seletivos para os tempos de quarentena](#). Análise de perfis e currículos apenas por meio de cadastro em plataformas online e entrevistas por videoconferência são alguns dos métodos de seleção utilizados pelas empresas.



Quem é ele? A hora e a vez de Mandetta

A In Press Oficina fez uma análise do perfil de Luiz Henrique Mandetta, Ministro da Saúde, uma das personalidades que mais têm se destacado na gestão da crise pública provocada pelo coronavírus. Confira:



"É na adversidade que o homem público tem oportunidade para crescer e exercer sua força. Na crise, como se diz por aí, ou vai ou racha. E nove dias depois da confirmação do primeiro caso de coronavírus no Brasil, chegou o momento de Luiz Henrique Mandetta (DEM/MS) se apresentar para toda a nação. No governo, ele andava quieto, trabalhando sem aparecer, evitando estardalhaços. Até que o coronavírus o obrigou a ir para o front.

Mandetta, 54 anos, natural de Campo Grande (MS), Ortopedista, era um parlamentar ativo na Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados. Mais do que isso, foi o idealizador da Frente Parlamentar da Medicina e defendeu veementemente que os médicos aprendessem a sair dos consultórios para discutir política e influenciar a atividade legislativa. O objetivo: evitar que projetos sem pé nem cabeça passassem no Congresso Nacional.